



Fundamentos da Doutrina Espírita

Material de apoio para o curso online

<http://espirita.info/>

O curso de **Fundamentos da Doutrina Espírita**, promovido pela comunidade espirita.info, tem por objetivo esclarecimento inicial para pessoas que desejam se informar sobre a Doutrina espírita e não possuem formação básica em Espiritismo.

Esta apostila serve como material de apoio ao curso, que é realizado através de aulas online. A obra básica pesquisada para sua confecção foi *O Livro dos Espíritos*.

O curso é ministrado em encontros semanais de 1 hora, sendo 30 minutos para exposição e 30 minutos para perguntas e respostas.

Programação

Aula 1: A codificação espírita	3
Aula 2: Deus e os elementos gerais do Universo	6
Aula 3: Progressão dos Espíritos	11
Aula 4: Influência dos Espíritos no mundo corpóreo	14
Aula 5: Mediunidade.....	18
Aula 6: Reencarnação	21
Aula 7: A encarnação dos Espíritos.....	26
Aula 8: A influência da matéria	30
Aula 9: Pluralidade dos mundos habitados	34
Aula 10: Desencarnação	38
Aula 11: Leis morais	42
Aula 12: Penas e recompensas	45

Aula 1: A codificação espírita

1. Allan Kardec

Na cidade de Lion, na França, nasceu no dia 3 de outubro de 1804, aquele que se celebrizaria sob o pseudônimo de **Allan Kardec**. De tradicional família francesa de magistrados e professores, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeane Louise Duhamel, foi batizado com o nome de Hippolyte Léon DenizardRivail.

Em Lion fez os seus primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon, na Suíça, a fim de estudar no Instituto do célebre professor Pestalozzi. O instituto desse abalizado mestre era um dos mais famosos e respeitados em toda a Europa. Desde cedo Hippolyte Léon tornou-se um dos mais eminentes discípulos de Pestalozzi, estando inclusive, com a idade de 14 anos, ensinando aos condiscípulos menos adiantados, tudo o que aprendia.

Concluídos os estudos em Yverdon, dirigiu-se a Paris, distinguindo-se como notável pedagogo e divulgador do Método Pestalozziano.

Conhecia diversas línguas, entre elas o italiano e alemão, tendo traduzido várias obras para o francês. Contraiu matrimônio com a professora Amelie Gabrielle Boudet, conquistando uma preciosa colaboradora. O casal não teve filhos.

Como pedagogo, Rivail publicou numerosos livros didáticos. Apresentou em sua época, planos e métodos referentes à reforma do ensino francês.

Começa a missão de Allan Kardec quando, em 1854, ouviu falar pela primeira vez nas mesas girantes através do amigo Fortier, um pesquisador emérito do Magnetismo (Kardec a época interessava-se também pelo estudo do magnetismo).

A princípio, Kardec revelou-se cético, face à sua posição de livre pensador, de homem austero, sincero e observador. Exigindo provas, mostrou-se inclinado à observação mais profunda dos ruidosos fatos amplamente divulgados pela imprensa francesa.

No ano seguinte, 1855, aceita o convite para assistir a uma sessão de mesas girantes, e vendo o fenômeno, ele se interessa profundamente. Vê ali um fenômeno inusitado que deveria merecer um exame cuidadoso. Ele decide então, aos 51 anos de idade, estudar o fenômeno mediúnico. Passa a frequentar a residência de diversos médiuns, recebe cadernos contendo anotações de mensagens recebidas

anteriormente, discute, analisa, apresenta questões de grande profundidade aos Espíritos, convencido que está da realidade do mundo extrafísico.

O grande material estudado por ele, mais as centenas de questões propostas aos Espíritos comunicantes, deram condições ao professor Rivail de publicar a sua primeira obra, *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857. Esta data passou a ser considerada como a de fundação do Espiritismo.

Decide adotar o pseudônimo de Allan Kardec por dois motivos: primeiro para que o seu nome real, conhecidíssimo em Paris, não viesse a interferir na grandeza do livro, que segundo ele, deveria florescer pelo seu valor e, não pelo autor que o subscrevia. Segundo, em homenagem a uma existência que ele tivera nas Gálias, no primeiro século antes de Cristo, onde fora um sacerdote druida denominado Allan Kardec.

Fundou em 1º de janeiro de 1858 a *Revista Espírita*, órgão mensal que deveria assumir um papel importantíssimo na divulgação da Doutrina, e no mesmo ano, no dia 1º de abril, a primeira sociedade espírita com o nome de **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas**.

Em 1859 publica o livro *O que é o Espiritismo?* e no dia 15 de janeiro de 1861 lança *O Livro dos Médiuns*, e depois, sucessivamente, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

Kardec vem a deixar o mundo físico na manhã do dia 31 de março de 1869, em função da ruptura de um aneurisma cardíaco.

2. O Caráter da revelação espírita

Do ponto de vista de uma revelação, o Espiritismo apresenta algumas características particulares:

Estruturação coletiva

Muitas revelações tiveram sua personificação em uma única personalidade. Moisés na revelação judaica, Jesus na revelação cristã, Maomé, na revelação islâmica são alguns exemplos. O Espiritismo tem um caráter coletivo; aí está um caráter essencial de grande importância.

Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi disseminada, simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala social.

Origem humano-espiritual

Surgindo o Espiritismo numa época de emancipação e maturidade espiritual, em que a inteligência, já mais desenvolvida, não se resignava a representar papel passivo, tinha que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame.

Assim sendo, os Espíritos propõem-se a ensinar somente aquilo que é necessário para guiar o homem no caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe, a ele, aproveitá-los e pô-los em obra.

O Espiritismo, portanto, tem uma dupla origem: espiritual, pois sua estrutura doutrinária foi em grande parte ditada por Espíritos Superiores preparados para este mister; e nesse sentido ele é uma revelação. Mas tem também uma origem humana, pois foi e continua sendo enriquecido, trabalhado e burilado por espíritas dedicados que dão o melhor de si no aperfeiçoamento da obra.

Caráter progressivo

Um último caráter da revelação espírita é que, apoiando-se em fatos, tem de ser, essencialmente progressiva como todas as ciências de observação. Por sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis.

O Espiritismo pois não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Relacionando-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressistas, de qualquer ordem que sejam.

Aula 2: Deus e os elementos gerais do Universo

Tudo o que existe no Universo pode ser didaticamente classificado em três elementos: Deus, espírito e matéria. Neste capítulo vamos examinar cada um deles.

1. Deus

O Espiritismo tem na existência de Deus o seu primeiro princípio basilar. Deus, porém, não pode ser percebido pelo homem em sua divina essência. Mesmo depois de desencarnado, dispendo de faculdades perceptivas menos materiais, não pode ainda o Espírito perceber a natureza divina.

Pode, entretanto, o homem, ainda no estágio de inferioridade em que se encontra, encontrar evidências de que Deus existe. Essas evidências se assentam na razão e no sentimento.

Racionalmente, a evidência da existência de Deus temo-la nestes axiomas: “não há efeito sem causa.” e “todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente.” Vemos constantemente uma imensidade de efeitos cuja causa não está na humanidade, pois a humanidade é impotente para produzi-los. A causa, portanto, está acima da humanidade. É esta causa que se chama Deus, Jeová, Alá, Fo-Hi etc.

Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no espaço, tudo atesta uma ideia diretora, uma combinação, uma providência que ultrapassa todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente.

Alguns atribuem a formação primária das coisas a uma combinação da matéria, isto é, ao acaso. Isto constitui uma insensatez, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso. Pela obra se reconhece o autor. Vejamos a obra e procuremos o autor. Onde o autor de tudo que vê no Universo? Deus. Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e adiantar que o nada pode fazer alguma coisa.

Pelo sentimento, pode o homem, ainda compreender a existência de Deus, porque há no homem, desde o mais primitivo até o mais civilizado, a ideia inata da existência de Deus. Acima pois, do raciocínio lógico, o sentimento nos fala da existência de Deus. Esse sentimento não é fruto de uma educação, resultado de

ideias adquiridas pois ele é universal, encontra-se mesmo entre os selvagens a que nenhum ensino a respeito foi ministrado.

Atributos da divindade

Afirma Allan Kardec que não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do espírito. Mas, se não se pode penetrar na essência de Deus, o homem pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, suas qualidades básicas, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da Criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas.

As religiões que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses. As que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus colérico, parcial e vingativo. Podemos assim dizer que Deus é a Suprema e Soberana Inteligência, Eterno, Imutável, Imaterial, Onipotente, Soberanamente Justo e Bom, Infinitamente Perfeito e Único.

a) Suprema e Soberana Inteligência: é limitada a inteligência do homem, pois que não pode fazer, nem compreender tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem de ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito.

b) Eterno: Deus não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.

c) Imutável: se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o universo.

d) Imaterial: a natureza de Deus difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

e) Onipotente: se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Então esse é que seria Deus.

f) Soberanamente Justo e Bom: a providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade.

g) Infinitamente Perfeito: é impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo.

h) Único: a unicidade de Deus é consequência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e então, não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, isto equivaleria a existir de toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto a identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus.

A Providência Divina

A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas, o cuidado permanente e o interesse infinito que o Criador tem pela sua obra maior, que é o espírito. Deus está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial. Deus, em relação as suas criaturas, é a própria Providência, na sua mais alta expressão, infinitamente acima de todas as possibilidades humanas.

Manifesta-se em todas as coisas, está imanente no universo e se exerce através de leis admiráveis e sábias. Tudo foi disposto pelo amor do Pai, soberanamente bom e justo, para o bem de seus filhos, desde as mais elementares providências para a manutenção da vida orgânica até a dispersão da faculdade superior do livre arbítrio, que dá ao homem o mérito da conquista consciente da felicidade. Deus tudo fez e tudo faz para o bem das criaturas. Imprimiu-lhes na consciência todas as leis morais e, em relação à humanidade terrestre, ainda se manifestou quando nos confiou a Jesus.

3. O Espírito

Existem na Doutrina Espírita duas definições de espírito, conforme a palavra seja grafada com inicial maiúscula (Espírito) ou com inicial minúscula (espírito).

O espírito, com inicial minúscula é definido como o princípio inteligente do universo, criado por Deus simples e ignorante mas dotado de perfectibilidade, ou seja, da potencialidade para aperfeiçoar-se progressivamente até a condição de perfeição relativa que lhe é possível. Espírito, com inicial maiúscula refere-se à própria alma, aquilo que existe em nós além da matéria, sede da inteligência e da moralidade e que sobrevive após a morte. Kardec se vale da palavra Espírito com inicial maiúscula a partir do momento em que o princípio inteligente (espírito com e minúsculo) se individualiza, ou seja, conquista a razão. Em referência, por exemplo, aos espíritos dos animais devemos empregar a palavra espírito com inicial minúscula, pois não completou-se ainda a individualização (consciência de si mesmo e conceito de certo e errado).

4. Matéria

O conceito espírita de matéria é bem mais amplo que o conceito de matéria da física tradicional.

A física define matéria, como tudo o que tem massa e que ocupa lugar no espaço. De acordo com essa conceituação, tudo aquilo que pode ser pesado, medido, etc., é matéria. Existem outros elementos, porém, como o som, a luz, o calor. Estes são denominados energia. Classicamente, costuma-se dizer que energia é a capacidade dos corpos para produzir um trabalho ou desenvolver uma força. Sabe-se que a energia não pode ser “criada” e nem “destruída”, mas sim transformada. Toda forma de energia que existe no Universo é transformação de uma outra anterior. A partir da Teoria da Relatividade de Einstein tem-se observado que, na realidade, matéria e energia são as duas faces de uma mesma moeda. A matéria é energia condensada e a energia uma forma de apresentação da matéria.

Na definição espírita, matéria é “tudo sobre o qual o espírito exerce a sua ação”. Se extrairmos do Universo Deus e os espíritos tudo o que sobrar é matéria. Assim, existem dois tipos diferentes de matéria. Uma matéria *ponderável*, que é a matéria física, que preenche o mundo dos encarnados e dá origem aos corpos e uma matéria *imponderável* ou matéria quintessenciada que é a matéria do mundo espiritual.

Fluido Cósmico Universal (FCU)

O FCU, também chamado fluido universal, é a matéria-energia elementar primitiva, dispersa por todos os cantos do Universo. Uma matéria extremamente sutil, cujas modificações e transformações vão constituir a inumerável variedade dos corpos da natureza.

Fluidos espirituais

Segundo a Física, fluidos são corpos cujas moléculas cedem a mínima pressão, movendo-se entre si com facilidade e separando-se quando entregues a si mesmos. A Física atual restringe o conceito de fluidos apenas aos líquidos e gases. Kardec se valeu da expressão fluidos espirituais com dois sentidos diferentes. Às vezes, ele emprega esse termo no lugar de matéria imponderável, ou seja, a matéria do mundo dos Espíritos. Outras vezes, Kardec se vale da expressão fluidos se referindo ao pensamento, ondas mentais, irradiações mentais. Precisamos interpretar essa palavra de acordo com o contexto.

Fluido vital

Um tipo especial de fluido, que age mais particularmente na vitalização da matéria é denominado de fluido vital. Fluido vital é um fluido mais ou menos grosseiro, encontrado apenas nos seres orgânicos. É o responsável pela animalização da matéria nos seres vivos.

Forma-se, como todos os fluidos espirituais, de transformações do Fluido Cósmico Universal. Durante o processo gestacional, o Espírito reencarnante irá se impregnando de determinada quantidade deste fluido, quantidade esta, proporcional ao tempo médio de vida que terá na Terra.

Esta carga de fluido vital, no entanto, poderá sofrer modificações durante a existência (para mais ou para menos). O perfeito funcionamento dos órgãos poderia renová-lo; assim como também poderia sofrer um processo de deterioração em consequência de uma vida atormentada moral e emocionalmente.

Aula 3: Progressão dos Espíritos

Segundo a visão materialista somos apenas o corpo com que vivemos neste mundo. Ora, tudo indica - e a análise química o comprova - que o nosso corpo é formado exclusivamente de matéria, como os demais corpos da natureza.

Mas a análise consciente e uma observação mais profunda mostram que no homem existe mais do que matéria. O homem pensa e tem consciência plena de sua existência; relaciona ideias, estabelece conceitos, elabora juízos, constrói raciocínios, abstrai conclusões, e, servindo-se de um instrumento maravilhoso, que é a linguagem, comunica tudo isto aos seus semelhantes.

Nada que a isto sequer se pareça ocorre no mineral, na rocha ou num monte de matéria inanimada. A matéria por si mesma não pensa; logo, existe em nós, além do corpo material, algo mais, que é o agente do nosso pensamento, e que se chama alma ou Espírito. Esse raciocínio, perfeitamente lógico e conforme a mais pura razão humana, deveria bastar para que nenhuma dúvida existisse no homem a respeito de que nele vive essencialmente um Espírito.

Entretanto, muitos há que não creem na realidade da própria existência, em si como Espírito imortal. Então Deus, na sua infinita bondade e amor, concedeu ao homem, com as manifestações espíritas, as provas cabais de que nele vive um Espírito, que preexiste ao corpo e sobrevive à morte física.

1. Origem, Natureza Forma dos Espíritos

Os Espíritos são definidos como sendo “os seres inteligentes da Criação”. São criados por Deus permanentemente, e, em sua essência, se apresentam como “uma chama, um clarão ou centelha etérea”

Os Espíritos são eternos e indestrutíveis, mantendo sempre a sua individualidade. Quanto à natureza íntima dos Espíritos podemos compreender que a inteligência é o seu atributo essencial. Todos são criados iguais, “simples e ignorantes” e dotados de faculdades a serem desenvolvidas através das experiências reencarnatórias. Com as diferentes experiências pelos reinos da natureza o Espírito conquista a razão e, prosseguindo em sua evolução, lhe está destinada a condição de Espírito puro.

5. Perispírito

Quanto a sua apresentação exterior, o espírito propriamente dito não a tem, pois é imaterial, mas se encontra revestido, sempre, de um corpo energético,

fluídico, que Kardec denominou de perispírito. O perispírito dará forma ao Espírito, permitindo sua identificação.

No exame de suas principais características, o perispírito deverá ser analisado sob os seguintes aspectos:

a) Função: quando encarnado, é o intermediário entre o espírito e o corpo somático, tendo como função transmitir as sensações do corpo para o espírito e as impressões do espírito para o corpo. É ainda o “campo modelador da forma”, pois, durante a gestação, será o perispírito o responsável pela estruturação do embrião, através de um campo magnético criado por ele. No Espírito desencarnado o perispírito corresponde ao seu envoltório, possuindo em sua estrutura eletromagnética órgãos e sistemas celulares à semelhança do corpo físico;

b) Forma: geralmente a forma do perispírito corresponde a aparência do corpo somático. Ao desencarnarmos, o corpo espiritual, na maioria das vezes, mantém a forma que tinha quando encarnado, entretanto muitos Espíritos estão aptos a promoverem transformações em sua organização perispiritual, podendo assumir uma aparência de encarnações anteriores;

c) Densidade: a densidade do perispírito é rarefeita nos Espíritos já evoluídos e pastosa ou opaca nos Espíritos ainda imperfeitos;

d) Coloração: o perispírito não está preso no corpo como se estivesse dentro de uma caixa; ele se irradia e se projeta além do corpo físico, formando a aura. Esta estrutura vai assumir colorações diferentes em função do estágio evolutivo do indivíduo. Brilhante e luminosa nos Espíritos superiores e sem nenhum brilho, sem luminosidade e sem beleza nas entidades muito materializadas.

6. Progresso espiritual

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem a consciência perfeita de sua existência. À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se lhe as ideais, como na criança, e com as ideais o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, que é um dos atributos essenciais do Espírito.

O objetivo final de todos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade. Com este

objetivo, os Espíritos revestem transitoriamente um corpo material. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.

O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor, ele avança na razão de sua maior ou menor atividade ou da boa vontade em adquirir as qualidades que lhe faltam. Não podendo, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais, ele chega a essa aquisição por meio de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para frente, na senda do progresso e se liberta de algumas imperfeições.

Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade, assim como os germens das imperfeições de que ainda não superou. Não perde jamais uma vitória alcançada: um vício vencido jamais lhe será problema. Tampouco poderá retrogradar, pois os Espíritos não degeneram. Podem permanecer estacionários, mas jamais retrogradam. Quando o Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito: ele tem que a recomeçar em condições mais ou menos penosas.

É indeterminado o número de existências; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral. No intervalo das existências corpóreas, o Espírito vive a vida espiritual, que Kardec chama de erraticidade.

Quando os Espíritos realizam a soma de progresso que o estado do mundo onde estão lhes faculta efetuar, eles o deixam, passando a encarnar noutra mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos. Prosseguem assim, até que nenhuma utilidade mais tenha a encarnação em corpos materiais. Entram, então, a viver exclusivamente a vida espiritual. Galgando o ponto culminante do progresso gozam da felicidade suprema.

Aula 4: Influência dos Espíritos no mundo corpóreo

1. Ocupações dos Espíritos

Os Espíritos têm ocupações e missões a desempenhar. Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes executar a vontade de Deus, concorrendo, assim, para a harmonia do Universo.

A ocupação dos Espíritos é contínua. Essa ação contínua, contudo, nada tem de penosa para os Espíritos Superiores, uma vez que eles não estão sujeitos à fadiga e, segundo Allan Kardec, repousam mudando o tipo de tarefa, sem deixarem de produzir. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil, embora, muitas vezes, não se apercebam disso.

Mostra Kardec que muitos fenômenos da natureza, como as tempestades e outros, surgem, muitas vezes, a partir da atuação de Espíritos primitivos que, agindo em massa, sob a coordenação de outras entidades mais elevadas, permitem que o fenômeno ocorra.

Os Espíritos devem percorrer todos os diferentes graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem. Assim, todos devem habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas. Mas há tempo para tudo. Dessa forma, a experiência e o aprendizado pelos quais o Espírito está passando hoje, um outro já passou e outro ainda passará.

Existem Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservam-se totalmente ociosos. Todavia, esse estado é temporário e cedo ou tarde o desejo de progredir os impulsiona para uma atividade.

Os Espíritos de maior envergadura são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos e indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir enfermos, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quanto as espécies de interesses a resguardar. Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo de acordo com o grau de evolução em que se achem. Os superiores só se ocupam do

que seja útil ao progresso. Já os inferiores se sentem ligados às coisas materiais e delas se ocupam.

As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida de suas forças, seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda a parte há atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se, em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o bem supremo.

7. Influência dos Espíritos em atos e pensamentos

Os Espíritos exercem sobre o mundo uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados, que não encontram solução racional.

Com os homens, as relações dos Espíritos são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e cair no seu estado.

Examinando a forma de atuação dos Espíritos, Kardec vai dizer que as comunicações podem ser ostensivas ou ocultas. As comunicações ostensivas realizam-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes através de médiuns que lhes servem de instrumento. As comunicações ocultas verificam-se pela influência boa ou má que eles exercem sobre nós, sem o sabermos, utilizando-se do nosso pensamento.

A influência dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e atos é tão grande que muito frequentemente são eles que nos dirigem. Esta influência pode ser boa ou má, fugaz ou duradoura e se estabelece através de uma corrente mental. O Espírito identifica o seu pensamento com o nosso e vai introduzindo em nosso campo mental as suas ideias, sugestões e emoções.

É fundamental a compreensão de que esta influenciação só se concretiza através da sintonia mental, estando o Espírito e o encarnado em condições morais

equivalentes. Pensar é vibrar, é entrar em relação com o universo espiritual que nos envolve, e, conforme a espécie das emissões mentais de cada ser, elementos similares se lhe imanizam, acentuando lhes as disposições e cooperando com ele em seus esforços ascensionais ou em suas quedas e deslizos.

Quando Kardec perguntou aos Espíritos se o homem poderia se afastar da influência dos Espíritos que os incitam ao mal, elas responderam: “Sim, porque eles só se ligam aos que os solicitam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.”

A influência dos Espíritos sobre o homem vai depender também da natureza desses Espíritos. Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, misturam-se em nossas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem com os comensais, de quem muitas vezes se imantam em processos de dependência mútua. Perturbam-se e perturbam; sofrem e fazem sofrer; odeiam e geram ódios; amesquinhamos em si mesmos, amesquinham os outros; infelicitados, infelicitam. Já a ação dos Espíritos superiores é outra.

Os bons Espíritos só aconselham para o bem, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos.

Podemos observar pelo exposto, que muitos pensamentos que povoam a nossa mente não têm origem em nós mesmos, mas sim em entidades desencarnadas. Disseram os Espíritos “Vossa alma é um Espírito que pensa; não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem, a um só tempo, sobre o mesmo assunto e frequentemente bastante contraditórios. Pois bem: nesse conjunto há sempre os vossos e os nossos, e é isso o que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.”

Com relação à maneira de distinguirmos o nosso pensamento do pensamento estranho, as entidades disseram “Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que vos ocorrem no primeiro impulso. De resto, não há grande interesse para vós essa distinção, e é frequentemente útil não o saberdes: o homem age mais livremente; se decidir pelo bem, o fará de mais boa vontade; se tomar o mau caminho, sua responsabilidade será maior.”

Observamos então que os Espíritos só têm o poder que nós lhes damos, pois só conseguem atuar em nós se nos encontrarem em situação favorável, seja positiva,

no caso dos bons Espíritos, ou negativa, em se referindo às entidades infelizes. Para neutralizar a influência dos maus Espíritos, Kardec orienta: *“Fazendo o bem e colocando a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruis o império que desejam ter sobre vós.”*

8. Espíritos protetores

Todos nós temos bons Espíritos vinculados a nós, muitas vezes, desde o nascimento, que nos tomaram sob a sua proteção. Cumprem junto a nós a missão de um pai junto ao filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso, através das provas da vida. Eles se sentem felizes quando correspondemos a sua solicitude e sofrem quando nos veem sucumbir.

Lembra Kardec que seus nomes pouco importam, mas que, na maioria das vezes, são almas vinculadas a nós pelos laços afetivos, estruturados em vivências em comum nas diversas reencarnações. São sempre superiores, do ponto de vista evolutivo, aos seus tutelados e estão sempre junto deles nos momentos de necessidade.

Várias denominações existem para estes Espíritos: guias espirituais, Espíritos protetores, mentores espirituais, bom gênio, anjo da guarda, etc. Kardec utiliza a expressão “Anjo Guardião” quando deseja referir-se a um Espírito protetor de alta envergadura moral, que tem sob a sua tutela todo um grupo de almas afins. Alguns Espíritos protetores especializam-se em determinadas áreas e exercem a sua ação de forma mais efetiva nesses setores. Assim, temos Espíritos protetores das artes, dos esportes, das ciências diversas, das cidades, dos bairros, dos centros espíritas, etc.

Aula 5: Mediunidade

1. Conceito de médium

Allan Kardec usa a expressão latina “médium”, que significa “intermediário” ou “meio”, para designar aquelas pessoas portadoras da faculdade mediúnica, ou seja, indivíduos capazes de colocarem em contato mais direto os dois planos de vida - o plano dos encarnados e dos desencarnados.

O médium, pelo fato de ser portador de certos recursos orgânicos, torna-se a ponte, o meio, o intermediário entre os Espíritos e os homens.

Segundo Kardec: *“Todo aquele que sente, num grau qualquer a influência dos Espíritos, é, por esse motivo, médium.”*

Lembra, ainda o Codificador, que “esta faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuem alguns rudimentos.”

Kardec orienta para que se reserve a expressão “médium” apenas para aquelas pessoas em quem a *“faculdade mediúnica se mostre bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade.”*

9. Alguns tipos de médiuns

Com relação ao tipo de fenômeno produzido, os médiuns podem ser classificados em vários tipos:

a) Médiuns de efeitos físicos: são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes ou ruídos, materialização de Espíritos, etc. Foram muito comuns no passado e tinham a finalidade de chamar a atenção para os fenômenos espíritas, mas hoje, são cada vez menos frequentes;

b) Médiuns Falantes ou Psicofônicos: permitem a comunicação dos Espíritos através da fala;

c) Médiuns Escreventes ou Psicógrafos: permitem a comunicação dos Espíritos através da escrita;

d) Médiuns Audientes: ouvem os Espíritos;

e) Médiuns Videntes: veem os Espíritos;

f) Médiuns Intuitivos: captam o pensamento dos Espíritos;

g) Médiuns de Desdobramento: são capazes de se afastarem de seu corpo físico e desenvolverem atividades espirituais;

h) Médiuns de Cura: são capazes de aliviar ou curar doenças pela prece ou pela imposição das mãos; i)

Médiuns Psicômetras: são aptos a detectar a vibração existente em objetos e locais.

10. Objetivos da mediunidade

A comunicabilidade dos Espíritos com os encarnados não é um fato recente, mas antiquíssimo, com a única diferença que, no passado, era apanágio dos chamados iniciados e na atualidade, com o advento do Espiritismo, tornou-se fenômeno generalizado a todas as camadas sociais.

Segundo a Doutrina Espírita, as principais finalidades da comunicabilidade dos Espíritos são:

a) Esclarecimento, Instrução e Orientação aos homens: a mediunidade assume hoje o papel que assumiram, no passado, duas grandes descobertas, o telescópio e o microscópio. O primeiro fornece ao homem informações concernentes ao macrocosmo e o segundo detalha o mundo infinitamente pequeno, o microcosmos. Cabe a mediunidade estudar o mundo dos Espíritos. Assim sendo, através da faculdade mediúnica, os benfeitores da humanidade, vivendo no plano dos desencarnados, poderão veicular informações importantes relacionadas ao nosso progresso intelecto-moral;

b) Socorro a Espíritos em sofrimento: muitos indivíduos ao desencarnarem, por não terem desenvolvido uma consciência de eternidade, encontram dificuldades na sua adaptação ao mundo extrafísico. Ansiedade, medo, sofrimentos morais diversos, perturbação e inconsciência da morte podem ser identificados em muitos desencarnados. A prática mediúnica é um dos recursos utilizados pela Espiritualidade para socorrer e assistir a estes Espíritos;

c) Contribuir no aprimoramento moral do médium: aprendemos com a Doutrina Espírita que a faculdade mediúnica por si só não basta. O importante está na conduta moral daquele que é seu portador. Porque na base do intercâmbio espiritual está a lei de sintonia que diz que cada um será assistido por Espíritos em afinidade com seus sentimentos e suas emoções. Achando-se a mente na estrutura



Curso: Fundamentos da Doutrina Espírita

de todas as manifestações mediúnicas, torna-se imprescindível ao medianeiro enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os tesouros morais e culturais.

Aula 6: Reencarnação

1. Justiça da reencarnação

A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus. Na misericórdia divina, porque, assim como o bom pai deixa sempre a porta aberta a seus filhos faltosos, facultando-lhes a reabilitação, também Deus - através das vidas sucessivas - dá oportunidade para que os homens passam corrigir-se, evoluir e merecer o pleno gozo de uma felicidade duradoura.

Na lei de justiça, pois os erros cometidos e os males infligidos ao próximo devem ser reparados durante novas existências, a fim de que, experimentando os mesmos sofrimentos, os homens possam assumir uma condição mais justa e humana, passando a conquistar o direito de ser felizes.

A unicidade das existências é injusta e ilógica, pois não atende às sábias leis do progresso espiritual. É injusta, porque grande parte dos erros humanos é resultante da ignorância e, numa só vida, não nos é possível o resgate de nossos erros, principalmente quando o arrependimento nos sobrevém quase ao findar da existência. É preciso que se dê oportunidades ao arrependido para que ele comprove sua sinceridade através das necessárias reparações. É ilógica, porque não pode explicar as gritantes diferenças de aptidões das criaturas desde sua infância; as ideias inatas, independentemente da educação recebida, que existem nuns e não aparecem em outros; os instintos precoces, bons ou maus, não obstante a natureza do meio onde nasceram.

As reencarnações representam para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de progresso espiritual. Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desigualdades que ferem a nossa vista.

Fora dessa lei, indagar-se-ia inutilmente porque certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram paixões e instintos grosseiros. A influência do meio, a hereditariedade, as diferenças de educação não bastam para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, se comportarem de forma muito diferente; personagens célebres têm descendido de pais obscuros e destituídos de valor moral.

Os que defendem a unicidade das existências afirmam que isto se deve ao acaso ou constitui-se um mistério divino. Mas quando passamos a admitir a ideia de que já vivemos muitas vezes e voltaremos a viver outras tantas, tudo se esclarece, tudo se torna compreensível e Deus, Justo, Bom e Caridoso cresce diante do homem.

11. Reencarnação nos Evangelhos

Em várias passagens dos Evangelhos aparece claramente a ideia da reencarnação, mas Allan Kardec examina três, que ele considerava como as mais importantes:

1ª) *“Após a transfiguração, seus discípulos então o interrogaram desta forma: Porque dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias? - Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas, mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara.”* [Mateus-XVII:10-13] [Marcos-IX:11- 13]

A consideração de que João Batista era Elias está presente várias vezes no Evangelho, reforçando a ideia de que muitos judeus tinham simpatia pela teoria reencarnacionista. Se fosse errôneo este pensamento, certamente Jesus o teria combatido, como fez em relação a vários outros.

2ª) *“Ao passar, viu Jesus um homem que era cego desde que nascera; - e seus discípulos e fizeram esta pergunta: Mestre, foi pecado deste homem, ou dos que o puseram no mundo, que deu causa a que ele nascesse cego? - Jesus lhes respondeu: não é por pecado dele, nem dos que o puseram no mundo; mas para que nele se patenteiam as obras do poder de Deus.”* [João-IX:1-34]

A pergunta dos discípulos: “foi algum pecado deste homem que deu causa a aquele nascesse cego?” revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença se cometido antes do nascimento, portanto numa existência anterior.

3ª) *“Ora, entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, senador dos Judeus, que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele. Jesus lhe respondeu: em verdade, em verdade, dito-te: ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.”* [João-III:1-12]

12. Evidências científicas

As principais evidências científicas da reencarnação são:

Gênios precoces

São crianças prodígios, que desde a mais tenra idade mostram possuir conhecimentos de tal ordem a respeito de temas os mais diversos que seria impossível explicá-los sem a certeza de que viveram antes. Kardec, examinando a questão pergunta aos benfeitores como entender este fenômeno e eles dizem: “lembrança do passado, recordação anterior da alma.”

Recordação espontânea de vidas passadas

Caracteriza-se pelo fato de pessoas, especialmente crianças passarem a se recordar espontaneamente de vidas anteriores.

Regressão de memória a vidas anteriores

Inúmeros casos têm surgido de pessoas que passam a relatar vivências anteriores durante o fenômeno de regressão de memória.

No final do século passado, o pesquisador francês Alberto Rochas, realizando experiências com regressão de memória conseguiu levar uma das suas pacientes a uma existência precedente. A partir daí vários outros cientistas, em diversas partes do mundo, começaram a desenvolver essas técnicas, conseguindo anotar milhares de referências concordantes com o princípio das vidas sucessivas.

Recentemente, este processo foi desenvolvido com fins terapêuticos, onde psiquiatras espiritualistas se utilizam de técnicas apropriadas para, através da regressão de memória, dissolverem condições neuróticas de pacientes psiquiátricos. Esses processos, ainda no campo experimental, portanto não aceito pela Ciência Oficial, recebeu o nome de T.V.P. (Terapia de Vidas Passadas).

13. Objetivos da reencarnação

Ensina-nos Allan Kardec que a reencarnação está para os Espíritos, assim como a morte está para os encarnados: é um processo natural, tão certo quanto o desencarne o é para os homens. A encarnação é uma necessidade evolutiva, porque somente ao contato com a matéria física consegue o Espírito certos elementos necessários ao seu progresso. A luta pela sobrevivência, o período de infância, o esquecimento do passado são condições exclusivas da vida na Terra e essenciais à aquisição de certos valores.

Curso: Fundamentos da Doutrina Espírita

Segundo Kardec a passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária, para que eles possam realizar, com a ajuda do elemento material, os propósitos cuja execução Deus lhe confiou. É ainda necessária por eles mesmo, pois a atividade que então se veem obrigados a desempenhar ajuda-os a desenvolver a inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve aquinhoar equitativamente a todos os seus filhos. É por isso que Ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação.

Estes objetivos reencarnatórios são sistematizados didaticamente por Allan Kardec em três tipos: expiação, prova e missão.

Expiação

Expiação, segundo a definição vulgar, significa sofrer em função de alguma coisa. A expiação surge como objetivo encarnatório, quando o homem desconsidera o código divino que rege o universo. Quando o indivíduo por excessos, maldade ou por imprudência fere a lei geral que cuida dos nossos destinos, torna-se incurso numa lei de responsabilidade, para que, através do sofrimento, se reedifique. A expiação consiste, portanto, nos sofrimentos físicos e morais que são consequentes à uma falta, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal

Prova (Provação)

A prova é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual.

As provas são uma série de situações apresentadas ao Espírito encarnado objetivando o seu crescimento, ou seja, experiências. Através do esforço próprio, das lutas e do sacrifício ele vai burilando a sua personalidade, desenvolvendo a sua inteligência e se iluminando espiritualmente.

Comenta Kardec que não se deve crer que todo sofrimento por que se passa neste mundo seja necessariamente o indício de uma determinada falta: trata-se, frequentemente, de simples provas escolhidas pelo Espírito, para avançar em sua purificação e acelerar o seu adiantamento.

Missão

Um Espírito querendo avançar mais, solicita uma missão, uma tarefa, pela qual será tanto ou mais recompensado, se sair vitorioso. Pelo exposto, podemos entender a missão como sendo uma tarefa específica que objetiva o bem da criatura. Lembra ainda Kardec que todo homem, sobre a Terra, tem uma pequena ou grande

Curso: Fundamentos da Doutrina Espírita

missão e que as missões dos Espíritos têm sempre o bem por objeto. Há tantos gêneros de missões quanto as espécies de interesses a resguardar.

A importância das missões está em relação com a capacidade e a elevação do Espírito, e que cada um tem sua missão neste mundo, porque cada um pode ser útil em algum sentido. Kardec emprega ainda a expressão reparação para designar aquela condição onde o indivíduo reencarna com o propósito de fazer o bem a quem ontem fez o mal. Pode-se considerar a reparação como uma variante da missão.

Aula7: A encarnação dos Espíritos

1. Tipos de encarnação

Didaticamente, de acordo com o progresso já conquistado, pode-se considerar 3 tipos básicos de encarnação:

Encarnação voluntária

É apanágio de Espíritos redimidos. Grandes missionários que vêm à Terra em tarefa de valor incontestável. Possuem liberdade de escolha muito grande, pois eles mesmo determinam as tarefas a serem desenvolvidas, o local onde vão nascer, os pais e as diversas situações de sua existência. Muito raras são essas encarnações.

Encarnação semi-voluntária

Leva em conta o livre-arbítrio relativo de que dispõe o Espírito; mentores estudam seus débitos e méritos, programando, em seguida, os principais acontecimentos da próxima existência na carne, tendo em vista a liquidação ou minoração de dívidas e as possibilidades de progresso.

Mas isto não é imposto, podendo o indivíduo discutir certas questões e propor alterações, que serão aceitas ou não. É a modalidade de muitos de nós, dotados de suficiente acuidade mental para discernir o que é interesse genuíno e o que é ilusão, na vida terrena.

Encarnação compulsória

É aquela que colhe o Espírito sem prévia concordância dele e até sem o seu conhecimento. É própria dos Espíritos cujo grau de perturbação impede análise lúcida da situação, ou cujas faltas são tão graves que anulam a liberdade de escolha. É uma imposição feita pela Lei para atender a casos cuja recuperação exige longas expiações. Os arranjos reencarnatórios são feitos por entidades amigas de condição evolutiva superior que preparam todos os detalhes daquela nova existência. O processo de reencarnação compulsória, na realidade, dispensa a atuação direta de técnicos da espiritualidade. Tudo pode desenrolar-se naturalmente, obedecendo aos impositivos do automatismo que rege a encarnação dos seres. Importa, entretanto, considerar que, mesmo nesses casos, a entidade reencarnante sofre supervisão atenta, mesmo que a distância, de Espíritos superiores, responsáveis pelo destino da Terra.

14. Fases da encarnação

Não existem duas encarnações iguais, mas podemos, didaticamente, separar em fases, jamais estanques, os momentos sucessivos que acompanham o mergulho do Espírito na carne. Apresentamos as diferentes fases, considerando uma encarnação do tipo semi-voluntária.

1ª Fase: Planejamento encarnatório

Esta fase desenvolve-se no plano espiritual, onde o reencarnante ao lado de seus mentores vai planejar a sua futura encarnação. Lembra Kardec que são planejados apenas os grandes lances da existência, aqueles que podem realmente influir no destino da criatura. O casamento, os filhos, a profissão, o tempo médio de vida na Terra e as principais doenças cármicas são nessa fase bem determinados.

2ª Fase: Contato fluídico com os pais

É a fase em que o reencarnante, em contato mais íntimo com os futuros pais, vai preparando-se para a nova existência. É uma fase importante, onde o Espírito mantém-se em processo de ligação fluídica direta com os pais. À medida que se intensifica semelhante aproximação, o reencarnante vai perdendo os pontos de contato com a esfera espiritual.

3ª Fase: Ligação do Espírito à matéria

A ligação se dá a partir da seguinte dinâmica:

a) Redução perispiritual: através de um processo magnético automático ou dirigido por técnicos especializados, o Espírito passa a sofrer uma redução de corpo espiritual, por uma redução dos espaços intermoleculares e se acopla a futura mãe.

b) Seleção do espermatozoide e óvulo: acoplado a futura mãe, o reencarnante miniaturizado aguarda a relação sexual para desencadear a reencarnação propriamente dita. Após a liberação dos espermatozoides, liberados na relação sexual, um deles será “selecionado” e devidamente magnetizado para vencer a corrida e alcançar a tuba uterina onde está o óvulo, igualmente selecionado. Essa magnetização do espermatozoide que deverá vencer a corrida é, muitas vezes, feita por técnicos da espiritualidade que selecionam o gameta que traz a carga genética apropriada, de acordo com os mapas cromossômicos, delineados anteriormente. Quando o reencarnante, pelo seu passado, não faz jus a uma equipe especializada, o processo se desenvolve segundo os princípios da sintonia magnética. O perispírito do reencarnante, por sintonia, atrai o espermatozoide que melhor se adapte às suas necessidades evolutivas;

c) Fecundação: o gameta masculino ao alcançar o terço superior da tuba uterina vai encontrar o óvulo e fecundá-lo. Nesse exato momento, o Espírito reencarnante que se encontra ajustado ao aparelho genital, liga-se magneticamente à célula ovo, não podendo mais ser substituído por outro Espírito.

4ª Fase: Formação do feto

Inicia-se com a fecundação e vai até o nascimento. Trata-se do período de múltiplas divisões celulares que vão dar origem ao embrião e logo depois ao feto. O reencarnante nesta fase está construindo, através de seu perispírito, um campo magnético que vai atuar como molde onde as células físicas irão se diferenciando e se ajustando, formando os diferentes órgãos do corpo.

15. Aspectos psicológicos

Relacionados ao reencarnante

Informa Allan Kardec que durante o período de gestação o reencarnante se identifica com um estado de perturbação, que se assemelha em alguns aspectos à perturbação que se segue à morte. Esta perturbação tem início quando da redução do perispírito e vai prolongando-se até ao nascimento, quando o grau de inconsciência atinge o máximo. A partir do nascimento o reencarnante vai recobrando a lucidez à medida que as células do sistema nervoso vão se amadurecendo. O grau e intensidade da perturbação depende de 3 fatores:

a) Período de gestação: a perturbação vai aumentando à medida que a gestação se prolonga, sendo menor no início e máxima ao término da gravidez;

b) Evolução do reencarnante: a reencarnação de Espíritos superiores acompanha-se de um estado de perturbação mais discreto e mais tardio. Os Espíritos mais inferiorizados, desde as primeiras horas da gestação mergulham-se em estado profundo de perturbação;

c) Estado emocional dos pais: os pensamentos dos pais, especialmente da mãe, se identificam com os pensamentos do reencarnante, havendo uma profunda troca de emoções e sensações. Mães ansiosas, deprimidas, queixosas, podem transmitir essas vibrações para o Espírito do feto, agravando o seu sofrimento e a sua angústia. Por outro lado, mães tranquilas, calmas, otimistas, contribuem sensivelmente para o estado de equilíbrio do feto, transfundindo-lhe coragem, fé e esperança. O reencarnante pode registrar os estados familiares, os conflitos domésticos e isso

poderá, muitas vezes, ser causa de uma infinidade de problemas emocionais ou físicos na futura criança.

Relacionados aos pais

Da mesma forma que o filho recebe da futura mãe os pensamentos e seus conteúdos emocionais, a mãe capta de uma forma mais evidente as vibrações emitidas pelo feto, e isso pode alterar de forma mais ou menos pronunciado o seu humor e suas emoções.

Algumas mães passam a vivenciar um entusiasmo e bem estar bem particulares. Mulheres, às vezes ansiosas, que se equilibram durante a gestação ; sentem-se bem, tranquilas, em função de uma carga emotiva sadia ou afim que está vindo do filho. Em outras oportunidades ocorre o inverso. Durante a gravidez, a mulher torna-se deprimida, tensa, há um decréscimo da vivacidade mental, um torpor intelectual, extravagâncias. Pode ser em função de vibrações pouco sadias ou de um Espírito que foi um desafeto do passado.

O futuro pai pode também sofrer alterações em seu campo mental em função da presença de um novo Espírito em seu lar. Às vezes, vê-se possuído de terrível ciúme e passa a dedicar a mulher mais atenção e carinho. Outras vezes, torna-se arredio, agressivo, deprimido. São vibrações de um Espírito ligado a ele por um passado feliz ou infeliz que agora retorna para prosseguir em sua marcha evolutiva, fortalecendo a amizade, se esta já existe, e desfazendo mágoas e desentendimentos se eles ocorreram.

Aula 8: A influência da matéria

A encarnação coloca o Espírito em uma condição especial, que lhe impõe restrições e da qual é alvo de profundas influências. Kardec reconhece a importância desse estado quando afirma que o Espírito encarnado está sob a influência da matéria. A que influências se refere o codificador? Essas influências se dão em dois níveis: ambiental e biológico.

1. Influências ambientais

São importantes as influências que o ambiente exerce sobre a individualidade reencarnada, sejam o ambiente compartilhado e o não compartilhado. O ambiente compartilhado é aquele que exerce influência sobre nós e nossos irmãos igualmente: nossos pais, nossa vida doméstica e nossa vizinhança. O ambiente não compartilhado ou único é todo o resto: qualquer coisa que influencie um irmão, mas não o outro, incluindo o favoritismo dos pais, a presença de outros irmãos, experiências únicas como cair de uma bicicleta ou ser infectado por um vírus, e, na verdade, qualquer coisa que nos aconteça no decorrer da vida que não necessariamente aconteça aos nossos irmãos.

Estudos em diferentes áreas do conhecimento humano têm mostrado que, quase invariavelmente, as pessoas moldam-se conforme seus iguais nos ambientes em que vivem ou se desenvolvem dentro das possibilidades que o meio que as cerca lhes oferece.

A relevância das influências do meio na formação da personalidade humana é notada no pensamento de Allan Kardec. Lembra ele que, embora o Espírito conserve, em suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores, isso nem sempre é evidente, pois sua posição social também pode não ser a mesma. Se de senhor ele se torna escravo, suas inclinações serão muito diferentes e teríamos dificuldades em reconhecê-lo. O Espírito sendo o mesmo, nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas semelhanças. Estas, entretanto, serão modificadas pelos costumes da nova posição, até que um aperfeiçoamento notável venha a mudar completamente o seu caráter.

2. Influências biológicas

O processo reencarnatório coloca o Espírito também sob importantes influências biológicas, vinculadas, especialmente, aos genes responsáveis pela organização e funcionamento de seu corpo, principalmente do cérebro,

O cérebro é o órgão de manifestação do pensamento, através do qual o Espírito interage com o meio e com as pessoas que o cercam. Ele funciona a partir de impulsos elétricos que conectam seus cerca de 85 bilhões de neurônios. Essas conexões, denominadas sinapses, dependem da interação de centenas de proteínas e neurotransmissores. Os genes especificam as proteínas que participam de todo o processo de construção e funcionamento do cérebro. Genes diferentes vão construir cérebros diferentes, daí sua importância.

Os estudos na área da genética comportamental têm mostrado que os genes desempenham um papel importante no comportamento (“como alguém é”). Até certo ponto, as pessoas criam suas próprias experiências por razões genéticas. A pesquisa genética sobre a personalidade é extensa e está descrita em vários livros. A mensagem básica é a seguinte: os genes têm uma contribuição importante para as diferenças individuais na personalidade. Traços de personalidade, como comportamentos de risco, frequentemente chamados de busca de sensações, uso e abuso de droga, timidez, obesidade, comportamento antissocial, inteligência e habilidades de aprendizagem, têm consistentemente substancial influência genética.

A influência do corpo no comportamento do Espírito encarnado é amplamente demonstrada na obra de Kardec. Vejamos:

O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravar as suas manifestações. (LE, item 846)

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõe esse mesmo organismo (RE, janeiro de 1866)

[...] um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva. (ESE, cap.IX, item 10)

A inteligência depende do estado do corpo que adquirir. (LE, item 180)

Com a mudança dos corpos, podem perder-se certas faculdades intelectuais. (LE, item 220)

Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação está subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos respectivos órgãos. (LE, item 369)

OBS.: todos os grifos são nossos

3. Influenciação sim, determinismo não

Embora o corpo e o ambiente estejam relacionados a diversos traços do comportamento humano, isso não significa que haja um determinismo biológico ou cultural. Só porque um traço de personalidade apresenta influência genética e ambiental não significa que nada possa ser feito para alterá-lo. Os traços comportamentais são em geral influenciados por múltiplos genes e múltiplos fatores ambientais, e, acima de tudo, tem-se que considerar o poderoso papel do Espírito, que, valendo-se do seu livre-arbítrio, pode exercer notável influência sobre os genes e o ambiente onde está inserido.

Atribuir as imperfeições humanas ao próprio organismo seria acreditar que o homem é uma máquina, joguete da matéria, sem responsabilidade sobre os seus atos, o que é um absurdo. Lembra Kardec que não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir.

A influência dos genes no comportamento humano, assim como as influências do meio, vincula-se a tendências probabilísticas e não a uma programação predeterminada. Em outras palavras, a complexidade da maioria dos sistemas comportamentais mostra que os genes não são o destino e tampouco podemos responsabilizar a nossa criação por sermos como somos. O Espírito é “senhor” da matéria. Genes e ambiente exercem influência sobre o Espírito encarnado, mas ele é sempre o dono de suas próprias decisões, fazendo as escolhas e norteando seu caminho. Encontrar um gene que esteja associado a um transtorno não significa que o gene seja “ruim” e que deva ser eliminado. Por exemplo, um gene associado à busca de coisas novas pode ser um fator de risco para um comportamento antissocial, mas também pode predispor à criatividade científica. Assim, os genes que predisõem alguém à dependência química, podem predispor-lo a se tornar um artista talentoso, um cientista inovador ou um empresário criativo. O Espírito pode sempre “escolher” os caminhos para onde seus genes vão ser direcionados.

Crescer sem um pai em casa se correlaciona estatisticamente com problemas como abandono dos estudos, ociosidade e gravidez na adolescência, mas nem todos os jovens que crescem sem pai em casa apresentam essas condições citadas.

A ideia de que todos os malfeitores são maus porque tiveram uma vida difícil está desgastada entre especialistas e leigos. Muitos psicopatas cresceram em lares sem grandes problemas e personalidades maquiavélicas podem ser encontradas em todas as classes sociais. Uma velha piada fala de duas assistentes sociais conversando sobre uma criança problemática: “Joãozinho veio de um lar destruído”. “Pois é, Joãozinho destrói qualquer lar”.

Na codificação Kardequiana encontramos as seguintes colocações:

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca porque o Espírito é fraco, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. (RE, março de 1869)

[...] Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso. (ESE, cap. IX, item 10)

Sem o livre-arbítrio o homem não tem culpa no mal, nem mérito no bem; e isso é de tal modo reconhecido que no mundo se proporciona sempre a censura ou o elogio à intenção, o que quer dizer à vontade; ora, quem diz vontade, diz liberdade. O homem não poderia, portanto, procurar desculpas no seu organismo para as suas faltas sem com isso abdicar da razão e da própria condição humana, para se assemelhar aos animais. Se assim é para o mal, assim mesmo devia ser para o bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado em consignar o mérito a seu favor e não trata de o atribuir aos seus órgãos, prova de que instintivamente ele não renuncia, malgrado a opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio da sua espécie: a liberdade de pensar. (LE, item 872)

Corpo e ambiente devem ser considerados como provas

Corpo e ambiente, portanto, devem ser considerados como parte das provas a que o Espírito se vincula em suas experiências reencarnatórias. Genes que predisponham à obesidade levarão o Espírito à luta contra a compulsão alimentar. Genes relacionados à dependência química convidam o Espírito ao desenvolvimento do autocontrole e ao exercício da criatividade. De mesma forma, ambientes permissivos ou onde vicejam o banditismo são oportunidades de lutar contra tendências inferiores.

Aula 9: Pluralidade dos mundos habitados

A existência de vida em outros mundos do universo é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita. Segundo Allan Kardec, Deus povoou os mundos de seres vivos e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados apenas ao ponto que habitamos no universo, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que o de alegrar os nossos olhos. Nada, aliás, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente levar-nos à suposição de que ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

Ao afirmar, no entanto, que todos os globos que circulam no espaço são habitados, Kardec não está declarando que se trata de vida orgânica, à semelhança da vida na Terra. Sabemos que muitos orbes não estão constituídos por uma população de almas encarnadas, mais sim, por Espíritos errantes, aguardando o momento de uma nova encarnação.

Kardec denomina de *Mundos transitórios* a esses globos desprovidos de vida orgânica, mas habitados por entidades desencarnadas. Segundo o Codificador, esses mundos transitórios estão despovoados momentaneamente, significando que poderão ser habitados no futuro ou já foram povoados no passado.

Com relação à constituição física dos diferentes globos, os benfeitores afirmam que eles absolutamente não se assemelham, pois os seres têm organizações distintas, como “os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar”.

1. Classificação dos diferentes mundos

Kardec apresenta uma classificação didática dos diferentes mundos.

Mundos primitivos

São aqueles onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana. São ainda inferiores a Terra, tanto moral quanto intelectualmente.

Mundos de expiação e prova

Correspondem a mundos em que ainda predomina o mal. A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes, indica que eles não são um mundo primitivo. Suas qualidades inatas são a prova de que os Espíritos ali encarnados já realizaram um certo progresso, mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o indício de uma grande imperfeição moral. A Terra nos oferece

um dos tipos de mundos expiatórios, em que as variedades são infinitas, mas têm por caráter comum servir como meio de expiação aos erros do passado e apresentar provas para o futuro, onde, através das dificuldades, da luta, enfim, contra as más inclinações os Espíritos ali vinculados poderão alçar-se a globos menos materializados.

Mundos de regeneração

Os mundos de regeneração servem de transição entre os mundos de expiação e os felizes. A alma que busca uma evolução consciente, neles encontram a paz, o descanso, e os elementos para avançarem. Nesses mundos o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade ainda experimenta as nossas sensações e os nossos desejos, mas está isenta das paixões desordenadas que nos escravizam; neles não há mais orgulho que emudece o coração, inveja que o tortura e ódio que o asfixia. Nesses mundos, contudo, ainda não existe a perfeita felicidade, mas a aurora da felicidade. Os Espíritos vinculados a eles necessitam muito evoluir, em bondade e em inteligência.

Mundos felizes

São aquele onde o bem supera o mal. Kardec mostra-nos algumas características desses mundos:

- a matéria é menos densa, o homem já não se arrasta penosamente pelo solo, suas necessidades físicas são menos grosseiras, e os seres vivos não mais se matam para se alimentarem;
- o Espírito é mais livre, tem percepções que desconhecemos, e a mediunidade intuitiva é bem mais evidente do que entre nós;
- a intuição do futuro e a segurança que lhes dá uma consciência tranquila e isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão;
- a duração da vida é bem maior, pois o corpo está menos sujeito às vicissitudes da matéria grosseira;
- a infância existe, mas é mais curta e menos ingênua;
- a autoridade é sempre respeitada, porque decorre unicamente do mérito e se exerce sempre com justiça;
- a reencarnação é quase imediata, pois a matéria corpórea sendo menos grosseira, o Espírito encarnado goza de quase todas as faculdades do Espírito;

Curso: Fundamentos da Doutrina Espírita

- a lembrança das existências corpóreas é mais precisa;
- as plantas e os animais são mais perfeitos, sendo os animais mais adiantados do que na Terra.

Mundos celestes ou divinos

Morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

2. Encarnação nos diferentes mundos

A encarnação nos diferentes mundos obedece a um critério de progresso intelecto-moral. Quando em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente. O Espírito elevado é destinado a renascer em planetas mais bem dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos tem inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva das almas, que os devem transpor, cada um por sua vez.

A encarnação em mundo inferior àquele em que o Espírito viveu em sua última existência pode ocorrer em dois casos:

- em missão, com o objetivo de auxiliar o progresso;
- em expiação, para aqueles Espíritos renitentes no mal. Podem ser degredados para mundos inferiores, para que, através do sofrimento e das dificuldades, eles se reeduquem.

Um exemplo desse degredo espiritual, deu-se na Terra, há muitos milhares de anos, quando aqui aportou uma grande falange de Espíritos vindos de um orbe bem distante. Tratavam-se de Espíritos bem desenvolvidos intelectualmente, mas moralmente atrasados. Esses Espíritos são conhecidos em seu conjunto pela expressão *raça adâmica*, e foram essenciais no desenvolvimento cultural da humanidade terrestre.

3. A transformação da terra

Informam, os Espíritos superiores, que são chegados os tempos marcados pela Divindade, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da humanidade.

O nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõe e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.

De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma lenta, gradual e insensível; a outra caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala os períodos progressivos da humanidade.

Estamos vivendo, hoje, uma dessas mudanças em que o orbe terráqueo vai sofrer profundas transformações quanto às populações de Espíritos vinculadas a ele, pois, no terceiro milênio, a Terra vai deixar de ser um Mundo de Provas e Expiacões e elevar-se a categoria de Mundo de Regeneração.

Esta transformação admirável do planeta, consequência mesmo da força das coisas, foi predita em várias passagens do Evangelho. Sob forma figurada, às vezes com expressões duras, os evangelistas e os apóstolos puderam pressentir que esse momento não lhes estava longe.

“O meu reino ainda não é deste mundo.”(Jesus)

“Bem aventurados os mansos porque herdarão a Terra...”(Jesus)

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” (João Batista)

“Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão avarentos, egoístas, arrogantes, etc., todavia eles não irão avante” (Paulo à Timóteo)

Assevera, Allan Kardec que aqueles que esperarem ver as transformações por efeitos maravilhosos, serão decepcionados, porque esse processo de evolução espiritual do planeta, vai desenrolar-se sem cataclismos, sem traumas físicos, sem abalos ou comoções no orbe. Não haverá guerras exterminadoras, flagelos gravíssimos, epidemias cruéis, grandes desastres ecológicos. A transformação é puramente espiritual e vai desenvolver-se paulatinamente. O que ocorrerá é uma seleção de Espíritos: Espíritos endurecidos no mal, recalcitrantes no erro, insensíveis ao convite para a renovação moral não mais se reencarnarão no globo, sendo degredados para mundos inferiores. Por outro lado, a Terra será constituída de Espíritos sensíveis, conscientes da necessidade de se esforçarem na conquista do bem comum.

Aula 10: Desencarnação

Há diferença entre morrer e desligar-se: a morte é física (a exaustão dos órgãos), mas o desligamento é puramente espiritual.

Dá-se o nome de desligamento espiritual ou desprendimento espiritual ao processo através do qual o Espírito desencarnante se afasta definitivamente do corpo físico que o abrigava durante a vida na Terra.

Allan Kardec ensina-nos que o corpo espiritual e o corpo físico estão ligados um ao outro - do ponto de vista magnético, átomo a átomo e molécula a molécula. Essa união que se estabeleceu durante a encarnação, quando o Espírito estava ainda no útero materno, é necessária ao intercâmbio indispensável que se verifica entre Espírito e corpo. O desligamento, portanto, consiste na separação mais ou menos lenta que se verifica entre eles.

1. Perturbação espiritual

Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se um fenômeno de importância capital: a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações, de modo que quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro momento.

Apenas em poucas situações pode a alma contemplar conscientemente o desprendimento. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. Em algumas pessoas ela é de curtíssima duração, quase imperceptível, e nada tem de dolorosa - poderia ser comparada como um leve despertar. Em outras pessoas, o estado de perturbação pode durar muitos anos.

Lembra Allan Kardec que no momento da morte tudo à princípio é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; sente-se como atordoada, no mesmo estado de um homem que saísse de um sono profundo e procurasse compreender a situação. A lucidez das ideias e a memória do passado voltam, lentamente, à medida que se extingue a influência da matéria e que se dissipa essa espécie de nevoeiro que lhe turva os pensamentos.

Essa perturbação pode apresentar características particulares, dependendo do caráter do indivíduo. Muitos indivíduos não se identificam como desencarnados e continuam frequentando os ambientes tradicionais, sem se aperceberem da morte.

Outros, entram em quadro de loucura psíquica, perdendo a completa noção de tempo e de espaço. Alguns Espíritos mergulham em sono profundo e nesse estado ficam durante um tempo muito variável.

Um fenômeno que parece ser geral, e que ocorre neste período, é aquilo que os autores chamam de “Balanço existencial”. Os principais fatos da vida do desencarnante deslizam diante de sua mente, numa velocidade espantosa, e ele revê a si mesmo em quase todos os grandes lances de sua encarnação.

O estado de perturbação varia, imensamente, de pessoa para pessoa. Os fatores que vão influenciar na duração e na profundidade desse estado são:

Conhecimento do mundo espiritual

O conhecimento do Espiritismo exerce uma grande influência sobre a duração maior ou menor da perturbação, pois o Espírito que tem informação precisa a respeito do mundo espiritual compreende antecipadamente a sua situação e mais facilmente se desfaz dos fluidos terrenos.

Idade

Os extremos da vida são os períodos da existência em que o desencarne se processa, geralmente, com maior facilidade. Na criancinha, o processo encarnatório ainda não se completou definitivamente, e no idoso, os laços que mantêm unidos o corpo espiritual ao corpo físico, estão mais frágeis, débeis, fáceis de serem rompidos.

Tipo de morte

As mortes súbitas, traumáticas acompanham-se geralmente de um estado de perturbação maior. A doença crônica, arrastada, facilita o desligamento do Espírito e a sua identificação com a vida pós-túmulo. Nos casos de morte violenta os liames que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes, e o desprendimento completo é mais lento. Na morte natural que se verifica pelo esgotamento da vitalidade orgânica, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem perceber; é uma lâmpada que se apaga.

Atitude da família

No estado de perturbação, a alma pode sofrer a influência dos pensamentos que se lhe dirigem. Os pensamentos de amor e caridade, as vibrações dos corações afetuosos, brilham para ela como raios na névoa que a envolve: ajudam-na a soltar-se dos últimos laços que a acorrentam à Terra, a sair da sombra em que está imersa. O posicionamento mental dos familiares ante o desencarne será de fundamental importância na recuperação do Espírito. Pensamentos de revolta e desespero o

atingem como dardos mentais de dor e angústia, dificultando a sua recuperação. A atitude inconformista da família pode criar “teias de retenção”, prendendo o Espírito ao seu corpo.

Velório

O velório comumente é um ponto de encontro, forçado por deveres sociais e familiares onde, muitas vezes, não se observa o ambiente de recolhimento desejável. Normalmente o que se vê são conversas frívolas, comentários maldosos ou falsos referentes ao falecido, que em nada contribuem nos seu desligamento.

Mas o velório representa as horas que acompanham o desencarne e que são importantes para o recém liberto. Há técnicos que se aproximam do desencarnante promovendo com recursos magnéticos, sua liberação. O desencarnado espera dos presentes somente um pensamento bom.

O pensamento elevado, e sobretudo a prece sincera são de inestimável valor para o equilíbrio do desencarnante. O melhor presente que podemos dar a um ente querido que partiu é orarmos sinceramente em seu benefício. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra têm por fim, não apenas proporcionar-lhes uma prova de simpatia, mas também ajudá-los a se libertarem das ligações terrenas, abreviando a perturbação que segue sempre à separação do corpo, e tornando mais calmo o seu despertar.

Estrutura psicológica do desencarnante

Será de grande valor na recuperação plena do desencarnante a sua estrutura psicológica, ou seja, o controle que ele exerce sobre as suas emoções, a atitude íntima de fé e tranquilidade. O medo exagerado diante da situação dificulta a assistência dos Espíritos bons. A educação para “bem morrer”, pressupõe um exercício constante de autocontrole em reação as emoções e a maneira de ser, pensar e agir.

Condição moral

A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Quanto mais o Espírito estiver identificado com a matéria, mais sofrerá para separar-se dela.

A morte nada tem de dolorosa para o homem de bem. É, apenas, um suave despertar, junto a presença amorosa dos entes queridos que o precederam no Além. A prática do bem e a pureza de consciências são os mais eficientes antídotos contra a

perturbação que acompanha a morte e são os fatores mais decisivos na plena e serena recuperação do desencarnante.

Aula 11: Leis morais

Devemos entender por lei natural, ou lei divina, o conjunto de princípios eternos, imutáveis e perfeitos que governam o Universo, funcionando automaticamente. Como estas leis provêm de Deus, trazem consigo as características ou atributos do próprio Deus, ou seja, são leis perfeitas, eternas e imutáveis.

A lei natural é a única necessária à felicidade do homem, indicando-lhe o que deve fazer e o que deve evitar. A infelicidade surge sempre como uma consequência do seu afastamento da lei.

Entre as leis naturais algumas estão relacionadas ao mundo material, à constituição e às propriedades da matéria, tais como a lei de gravitação, leis da eletricidade, leis da genética, a estrutura dos átomos, etc.

Outras se relacionam mais ao homem, como Espírito, e as suas relações com Deus e com seus semelhantes; são as chamadas leis morais. As leis morais, portanto, dizem respeito especialmente ao homem em si mesmo, e às suas relações com Deus e com o próximo.

O objetivo das leis divinas é encaminhar os Espíritos à perfeição que lhes é relativa, através do desenvolvimento da sua inteligência e da sua moralidade. A legislação humana é um pálido reflexo das leis divinas, variando de povo para povo através dos tempos, segundo o grau de evolução alcançado pelos homens. Conforme cresce o conhecimento das leis divinas, o homem evolui e aperfeiçoa suas próprias leis.

1. O conhecimento da Lei Natural

Embora a lei de Deus esteja escrita na consciência do homem como a assinatura de um artista em suas obras, foi necessário, ao longo dos séculos, que Espíritos superiores recebessem a missão de revelá-las gradativamente aos homens.

Tais Espíritos podem ser reconhecidos em todos os tempos por suas palavras e suas ações. Dentre todos destaca-se Jesus, que segundo Allan Kardec, é o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Jesus é o mais perfeito modelo que o homem possui e a sua doutrina é a mais pura expressão da lei de Deus.

Os Espíritos que hoje retornam através do Espiritismo, não têm outra missão senão a de desenvolver e explicar os ensinamentos de Jesus, retirando toda a

alegoria e tornando-os inteligíveis para todos, ampliando o conhecimento que o homem tem das leis naturais.

Assim a mensagem espírita deve ser clara e sem equívocos, não dando margens a interpretações pessoais, permitindo que cada um possa julgá-la e apreciá-la de acordo com a sua capacidade de compreensão.

A verdade, então, a expressar-se nas leis divinas, vai sendo revelada aos poucos, conforme é assimilada, compreendida e praticada pelos homens. O conhecimento das leis naturais permite ao homem entender melhor o significado da moral, como distinção entre o bem e o mal.

Para melhor compreendermos o conceito espírita de bem e mal, vamos admitir que do ponto de vista moral, existem três tipos de ações humanas.

Primeiro, as **ações moralmente neutras**. São aquelas ações que não interferem no bem-estar de outras pessoas. Elas não geram consequências felizes ou infelizes.

Segundo, as **ações moralmente reprováveis**. São aquelas que interferem negativamente no bem-estar de outras pessoas, causando algum tipo de prejuízo, aumentando a sua dor ou diminuindo a sua alegria.

E, terceiro, as **ações moralmente recomendáveis**. São aquelas, ao contrário da anterior, que interferem positivamente no bem-estar de outras pessoas, aliviando suas dores, aumentando a sua alegria ou respeitando os seus direitos. Em resumo, sendo útil de alguma forma.

Fica evidente, então, que o que vai diferenciar o certo do errado é o **resultado** da nossa ação. Por certo, entendemos toda ação que produz uma coisa boa, que gera alegria, que beneficia o próximo. Por errado, entendemos toda ação que prejudica o outro, seja materialmente (tomando o que lhe pertence, por exemplo) ou psicologicamente (diminuindo o seu valor, humilhando-o publicamente, por exemplo).

Concluindo: *O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos.*

2. Regra da reciprocidade

Outra forma de avaliarmos a qualidade de uma ação – se boa ou má – é através da regra da reciprocidade. Jesus se referiu a ela, e, antes dele, outros sábios da antiguidade. Kardec considerava essa regra como muito importante na diferenciação do certo e do errado.

Essa regra é apresentada em duas formas, uma forma negativa e outra positiva. A forma negativa diz assim: jamais faça aos outros aquilo que você não gostaria que lhe fizessem. A forma positiva diz: faça aos outros aquilo que você gostaria que eles lhe fizessem.

Vejamos alguns exemplos.

Eu gostaria que me vendessem algum produto com defeito, sem me informar do defeito? A resposta certamente será não; conseqüentemente não devo fazer isso.

Eu gostaria que alguém se insinuasse de forma sensual em relação ao meu parceiro ou a minha parceira? Claro que não; portanto não deverei fazer isso.

Eu gostaria que alguém entrasse na minha frente em uma fila, sem pedir autorização? Não! Também não farei isso.

Eu gostaria que um CD com músicas que eu compus fosse pirateado, e eu nada recebesse por isso? Acredito que não; então não farei o mesmo.

Eu gostaria que uma pessoa comprasse de outro um objeto que me foi furtado? Obviamente não; não farei o mesmo.

Segundo Kardec, se nós aplicássemos a regra de reciprocidade em nossa vida, acertaríamos quase sempre.

3. Divisão da Leis morais

Uma vez que as leis morais estão relacionadas com todas as circunstâncias da vida, Allan Kardec vai propor uma classificação, a fim de que elas possam ser mais bem estudadas e compreendidas. Essa divisão didática se dá nas seguintes leis: a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade, a justiça, amor e caridade.

Kardec estuda minuciosamente essas leis na terceira parte do Livro dos Espíritos.

Aula 12: Penas e recompensas

Na quarta parte do Livro dos Espíritos, Kardec estuda as consequências das atitudes humanas, considerando as duas dimensões de vida: física e espiritual. O princípio fundamental se baseia em um pensamento milenar: a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.

Em nossos dias, as consequências dos atos humanos vêm sendo conhecidas como lei de causa e efeito. A lei de causa e efeito, ou lei de ação e reação ou lei do carma, é uma lei natural, espiritual e universal, essencial para a evolução das almas. Pode ser considerada como uma espécie de conta do destino criada por nós mesmo, englobando os créditos e os débitos que em particular nos digam respeito. É o sistema de contabilidade do Governo da Vida. Consiste, portanto, nos padrões de hábito que uma pessoa estabeleceu e as repercussões desses padrões sobre si mesma e sobre os outros.

Os princípios fundamentais dessa lei foram apresentados por Allan Kardec no livro *O céu e o inferno*, parte I, cap. VII. Através de 33 itens, ele tece inúmeros comentários importantes a respeito. Apresentamos uma síntese dessas ideias.

a) O estado feliz ou desgraçado de um Espírito é inerente ao seu grau de pureza ou impureza. A completa felicidade prende-se à perfeição. Toda imperfeição é causa de sofrimento e toda virtude é fonte de prazer. O homem sofre em função dos defeitos que tem: a inveja, o ciúme, a ambição, os vícios sociais são as causas fundamentais dos sofrimentos. Diz Kardec, que a alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que a que tem três ou quatro. Portanto, o único caminho que nos levará à felicidade completa é o do esforço concentrado no desenvolvimento das virtudes morais.

b) O bem como o mal são voluntários e facultativos: livre, o homem não é fatalmente impelido para um nem para outro; não há arrastamento irresistível. O homem tem sempre liberdade de escolher entre o bem e o mal e seguir o caminho da correção ou do vício. Por esse motivo, por ter escolhido livremente a opção a tomar, ele torna-se responsável pelos seus atos.

c) A responsabilidade das faltas é toda pessoal, ninguém sofre por erros alheios, salvo se a eles deu origem quer provocando-os pelo exemplo quer não os impedindo quando poderia fazê-los. Perante a Lei de Causa e Efeito não existem “vítimas”. Só respondemos pelos nossos atos e jamais pelos atos alheios. A ninguém deve o homem culpar em caso de sofrimento, a não ser a ele mesmo, pela sua

incúria, seus excessos ou a sua ambição. Quando mais de uma pessoa vêm a cometer o mesmo erro, tornam-se todos incursores na Lei de Causa e Efeito e, muitas vezes, deverão, juntos, repararem esse erro. Muitos casos de calamidades coletivas, expiações de grupos ou famílias inteiras enquadram-se nessa situação.

O carma, portanto, pode ser:

- Individual: um único Espírito está incurso na Lei;
- Familiar: quando vários membros de um mesmo núcleo familiar estão inseridos no processo cármico;
- Coletivo: quando toda uma coletividade comprometeu-se com a mesma falta.

d) A alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. Céu e Inferno são estados de consciência. O primeiro corresponde a uma consciência tranquila em função do serviço bem feito e da atitude sempre correta. O segundo existe em decorrência da culpa, do remorso, que cria para a alma viciosa um campo magnético negativo, através do qual as obsessões, as enfermidades físicas ou psíquicas, ou mesmo os lances desditosos da existência vão se desenvolver.

e) Toda falta cometida é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for na mesma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes. Em muitas oportunidades, as faltas cometidas numa existência, podem ser reparadas na mesma encarnação; outras vezes, somente na existência posterior terá a alma culpada condições de resgate; e, em determinadas situações, serão necessárias diversas encarnações para que a dívida seja saldada.

f) Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anteriores existências. Allan Kardec afirma que cada um é punido naquilo em que errou. Observa-se uma correspondência íntima entre o tipo de sofrimento e o tipo de falta.

g) A mesma falta pode determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes. Dois fatores condicionam sempre a gravidade de uma falta: a intenção e o conhecimento do erro. Embora as faltas sejam sempre as mesmas, a responsabilidade do culpado ante o deslize será maior ou menor em função do grau de conhecimento que ele possui e de sua intenção ao cometê-lo. Com relação ao grau de adiantamento, Kardec informa que as almas mais grosseiras e atrasadas são, via de regra, mais atingidas pelos sofrimentos materiais,

enquanto os Espíritos de maior sensibilidade e cultura são mais vulneráveis aos sofrimentos morais.

h) Não há uma única ação meritória que se perca: todo ato meritório terá recompensa. A Lei de Causa e Efeito não apenas educa o culpado pelo sofrimento, mas também premia a alma vitoriosa. Denomina-se “carma positivo” aos condicionamentos sadios que o Espírito atrai para si, em decorrência de atitudes corretas e vivência altruística;

i) A duração do castigo depende da melhoria do culpado. O Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar o sofrimento pela persistência no mal ou suavizá-la ou mesmo superá-la em função de sua maneira de proceder. Kardec mostra que não existe condenação por tempo determinado. O que Deus exige, por termo do sofrimento, é um melhoramento sério, efetivo, sincero de volta ao bem;

j) Arrependimento, expiação e reparação constituem as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta. O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Mas não basta o arrependimento, embora ele suavize os cravos da expiação. A expiação consiste nos sofrimentos físicos ou morais que são consequentes à falta, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal. A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, achar-se numa encarnação ulterior em contato com as mesmas pessoas de modo a demonstrar reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito